

O PAPEL DA ESTÉTICA NOS ESTUDOS CULTURAIS⁶³

Rita Felski⁶⁴

Tradução: Joana d’Arc Martins Pupo⁶⁵

Criticar os estudos culturais é um passatempo popular. Enquanto os críticos frequentemente menosprezam o campo como mero modismo, hoje em dia, ataques aos Estudos Culturais é que estão altamente na moda. Mas quais Estudos Culturais? Tenho um palpite de que ‘Estudos Culturais’ superou ‘Pós-modernismo’ como um dos termos mais mal utilizados na vida intelectual contemporânea. Em uma recente enxurrada de epítetos, elegias, e queixas sobre o que está acontecendo com as ciências humanas, os estudos culturais desempenham o papel principal como vilão e bode expiatório. Há bem poucos anos, os estudos culturais eram um campo obscuro que poucos acadêmicos norte-americanos conheciam ou se importavam com ele. Hoje, parece, todo mundo sabe sobre os estudos culturais. Mas o que exatamente eles sabem?

Neste capítulo, discuto algumas queixas recentes sobre os estudos culturais que emanam dos departamentos de literatura. Duas ideias vêm à tona nestes argumentos. A primeira é que os estudos culturais declararam guerra à arte e à estética. São o inimigo implacável de toda a conversa sobre beleza e prazer, estilo e forma. Os críticos culturais acreditam que tais termos não são nada mais do que balbucios mistificadores que nos distraem das regras coercitivas das hierarquias do gosto. Em seu zelo nivelador, eles querem reduzir o texto ao contexto, a poesia à propaganda, as obras de arte a massas de textos despejadas por uma máquina de ideologia onipresente. A segunda ideia é que esta antiestética tornou-se a nova norma. Os praticantes dos estudos culturais invadiram e montaram acampamento

63 Este artigo inédito foi gentilmente cedido pela autora para tradução e publicação na Revista Discente *Sociologias Plurais*.

64 Professora do Departamento de Inglês na *University of Virginia*, e editora de *New Literary History*. Rita Felski é eminente estudiosa nos campos da estética e teoria literária, teoria feminista, modernidade e pós-modernidade, e dos estudos culturais. É autora de *Beyond Feminist Aesthetics: Feminist Literature and Social Change* (Harvard UP, 1989), *The Gender of Modernity* (Harvard UP, 1995), *Doing Time: Feminist Theory and Postmodern Culture* (New York UP, 2000), and *Literature After Feminism* (Chicago UP, 2003).

65 Tradutora: Professora Assistente – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, Brasil. Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Sociologia.- Universidade Federal do Paraná.

nos departamentos de língua inglesa e estão forçando a todos pensarem como eles. Os “Estudos Culturais”, lamenta Marjorie Perloff, “dominam atualmente a arena dos estudos literários.” (2000; p.24). Os prêmios resplandecentes dos cargos e publicações, bolsas de estudo e convites, agora dependem de saber falar a linguagem dos estudos culturais. Tenha pena da pobre alma que ainda sonha em escrever uma monografia sobre o papel da metáfora em Robert Frost. Os estudos culturais, seus críticos gostam de afirmar em uma mímica astuta do vocabulário de seus oponentes, tornaram-se hegemônicos.

É a conjunção dessas duas ideias _ a soberania dos estudos culturais na academia e seu despreocupado desrespeito pela linguagem, pela beleza, e pela forma _ que repousa sob o grito de guerra pelo retorno da estética. Em 1998, *The Chronicle of Higher Education* publicou a manchete “*Desgaste dos Estudos Culturais, alguns estudiosos redescobrem a Beleza*”. O artigo em questão chama a atenção para uma reação crescente contra os estudos culturais e seu desprezo pela estética. Há citações de estudiosos literários fartos das agendas sociais da crítica contemporânea. Eles querem voltar a falar sobre estilo e sensibilidade, da melodia da linguagem e do jogo da forma, da beleza da poesia e do que faz de Shakespeare um grande escritor. (Heller, 1998).

Nos últimos anos, outras vozes juntaram-se ao coro; a mobilização em defesa da estética inspirou um mini-*boom*. À parte o livro de James Soderholm, *Beauty and the Critic: Aesthetics in the Age of Cultural Studies*, em lugar de destaque no *Chronicle*, há também a corajosamente intitulada coleção *The Revenge of the Aesthetic*. Em 1999, Elaine Scarry publicou seu amplamente resenhado *On Beauty and Being Just*, seguido da obra de Wendy Steiner *Venus in Exile: The Rejection of Beauty in Twentieth-Century Thought* e *Speaking Beauty* de Denis Donoghue. E não devemos nos esquecer de muitos livros recentes tais como o de Alvin Kernan *The Death of Literature* e o de John Ellis *Literature Lost* que lamentam o estado atual dos estudos literários nas universidades norte-americanas. Em tais publicações, tanto quanto nos volumes mais vendidos da indústria editorial de um único homem_ Harold Bloom_, é simplesmente certeza de que os estudos culturais significam a morte da estética.

Não discordo daqueles que querem defender o valor de se estudar a literatura e a arte erudita, mas estou ficando cansada de ler considerações rebuscadas sobre a beleza estar sob a ameaça das maquinações vilãs dos estudos

culturais. Este cenário da Bela e da Fera tem pouca relação com a realidade. Quero, então, problematizar estas duas afirmações que acabei de esboçar. Vamos analisar a primeira ideia, o domínio tirânico dos estudos culturais nas universidades estadunidenses. Os estudos culturais estão hoje tão profundamente entrenchados como a nova ortodoxia, seus críticos afirmam que os acadêmicos estão se coçando impacientes por algo novo. No artigo do *Chronicle* acima mencionado, depois de uma deposição cruel das tendências atuais no estudo literário, Heller cita Marjorie Perloff como declarando que: "as pessoas estão realmente cansadas dos velhos estudos culturais" (1998, p.A15).

Os *velhos* estudos culturais? Quando li pela primeira vez esta sentença, tive que olhar duas vezes. Minha sensação é que os estudos culturais são ainda uma relativa novidade cujos impactos nos trabalhos do dia-a-dia dos departamentos de literatura são modestos. Claro, a ideia dos estudos culturais tem se espalhado muito recentemente. Existem mais do que uns poucos desconstrucionistas de carteirinha que são jogados às pressas em umas poucas referências aos *shopping centers* e Stuart Hall para atender a tendência atual. Como uma categoria de marketing, os estudos culturais têm inegavelmente certa fascinação.

Apesar de tudo, suspeito que os trabalhos-chave dos estudos culturais ainda são amplamente desconhecidos na maioria dos departamentos de literatura. Quantos acadêmicos por todo o país estão realmente atualizados com o trabalho de Kobena Mercer e Larry Grossberg, Meaghan Morris e Tony Bennett, Constance Penley e Ien Ang? Fora de uns poucos centros de estudos culturais bem conhecidos, aposto que não muitos profissionais da área. Sempre acho, ao contrário, que estudantes graduados eruditos são completamente ignorantes em relação aos debates e métodos centrais dos estudos culturais. Isto é particularmente verdadeiro quando se trata de um amplo corpo de conhecimento que é escrito e publicado fora dos Estados Unidos. O número de empregos acadêmicos nos estudos culturais a cada ano permanece lamentavelmente pequeno. Como podemos reconciliar estes fatos com a afirmação de que os professores de inglês estão cansados dos *velhos estudos culturais*, uma frase que sugere muitos anos de exposição entorpecedora implacável? Como os estudos culturais podem ser velhos e novos?

Talvez possamos resolver este mistério olhando mais profundamente para a segunda ideia que esbocei que os estudos culturais querem abolir a estética. De

onde vem esta ideia? Em muitas polêmicas recentes, garante-se que os estudos culturais são outro termo para a crítica ideológica. Isto é, fazer estudos culturais significa olhar de maneira suspeita para as obras de arte e desmascará-las como instrumentos de opressão. Significa lê-las na contramão e negar a elas a verdade da arte em favor da verdade da política. É outro termo para o que Soderholm chama de "crítica inquisitorial" (1997, p.3) e o que Georg Levine memoravelmente descreve como "ver o texto como um inimigo a ser aprisionado" (1994, p.3).

Um bom exemplo desta visão dos estudos culturais pode ser encontrado no epílogo de *Achieving your Country* de Richard Rorty. Rorty concorda que os estudos culturais estão tomando os departamentos de inglês. Seus praticantes, ele escreve, podem ser identificados por sua sabedoria árida e sarcástica. Eles suspeitam do romance e entusiasmo e carecem de qualquer senso de reverência. Eles arriscam tornar o estudo da literatura em mais uma ciência social obscura e afugentar em massa os estudantes. Rorty toma Fredric Jameson como um exemplo desta tendência perniciosa. Ele cita os pronunciamentos sombrios de Jameson sobre a morte do indivíduo na cultura pós-moderna como um modo de enfatizar o que está para acontecer se os departamentos de literatura tornarem-se departamentos de estudos culturais. Em vez de beneficiarem-se com o valor inspirador das grandes obras da literatura, nós seremos deixados, diz Rorty, sem nada exceto expressões de ressentimento político revestidos de jargão.

Há um problema maior com o argumento de Rorty: Jameson não faz estudos culturais. Seu trabalho é mais próximo do espírito da teoria estética marxista, especialmente a Escola de Frankfurt e sua visão sombria da cultura popular como uma forma de dominação capitalista. De fato, os estudos culturais surgiram como uma reação a esta mesma tradição. Um de seus objetivos foi questionar o ponto de vista dos críticos acadêmicos que se orgulham de sua sabedoria e insight político superior. Mas esta discrepância não parece incomodar Rorty, que admite alegremente que seu conhecimento dos estudos culturais vem de amigos como Harold Bloom. Os estudos culturais, para Rorty, são simplesmente um rótulo prático para todas as coisas ruins que têm acontecido nos departamentos de literatura nos últimos trinta anos.

Rorty não é o único a pensar deste modo. John Ellis, por exemplo, também supõe que os estudos culturais são outra expressão para a invasão dos departamentos de inglês por hordas do que ele chama "críticos de raça-gênero-

classe." Os estudos culturais, nos recentes debates norte-americanos, são frequentemente um atalho para leituras políticas da literatura. Em particular, quando utilizados pelos críticos hostis, fazer estudos culturais significa focar sobre o conteúdo e o contexto e não prestar atenção à forma. É sinônimo da mais crua forma de análise sociológica. Significa olhar através de um texto como se fosse um instrumento transparente para uma simples mensagem política. Significa, muito simplesmente, ser um mal leitor.

Quero deixar de lado, por enquanto, a exatidão desta visão da mudança política na crítica literária². Minha questão é simplesmente: o que isso tudo tem a ver com os estudos culturais? Afinal, tais abordagens à literatura têm estado presentes nas universidades dos Estados Unidos já há algum tempo. O conhecimento feminista, marxista e afro-americano, por exemplo, tem prosperado desde a década de setenta. Mas os críticos nestes campos, até recentemente, não se viam, e não eram vistos por outros, como fazendo estudos culturais. Realmente, há muito pouco tempo, este termo não significava quase nada para a média dos professores. Em 1987, Richard Johnson publicou um artigo influente chamado "*O que afinal são os Estudos Culturais?*" que introduziu o campo a uma audiência norte-americana amplamente desfamiliarizada com suas ideias principais.

O que estamos vendo atualmente, em outras palavras, é um caso clássico de um desvio semântico. Os estudos culturais, uma vez um nome reservado para uma tradição intelectual específica, é agora aplicado, frequentemente bastante atropeladamente, a qualquer tentativa de ligar literatura, cultura, e política. Uma expressão que uma vez identificou um campo específico de estudos originado na Grã-Bretanha está sendo agora utilizado como munição nas guerras culturais do próprio Estados Unidos. A história está sendo reescrita; aquelas que se viam outrora como críticas literárias feministas ou praticantes do Novo Historicismo estavam, parece, fazendo estudos culturais durante todo tempo. Quando as pessoas reclamam que estão cansadas dos "*velhos estudos culturais*", esta é a história que geralmente têm em mente.

Deixe-me ser clara em relação ao meu argumento. Estou longe de sugerir que os estudos culturais estadunidenses não têm o direito de definir seus próprios objetivos e métodos, que deveriam abaixar o topete em deferência aos pais fundadores britânicos. De fato, os estudos culturais há muito tempo já migraram de suas raízes de Birmingham; a Grã-Bretanha não tem o monopólio sobre um campo

internacional em constante fluxo. Muitos dos trabalhos interessantes nos estudos culturais agora vêm de lugares como a Austrália, Canadá, Coreia do Sul, África do Sul, e realmente dos Estados Unidos, por acadêmicos que são com frequência críticos profundos da tradição de Birmingham. Reconhece-se amplamente que esta tradição prestou muito pouca atenção às políticas de raça, gênero, e sexualidade e que suas agendas de pesquisa enfocaram exemplos britânicos que nem sempre se traduzem para outros contextos.

O que distingue o novo trabalho dos estudos culturais, entretanto, é uma familiaridade com a tradição que ele critica, um senso de diálogo com a geração anterior de acadêmicos. Aqueles trabalhando no campo, afinal, despenderam um tempo e esforços consideráveis negociando questões básicas de metodologia. Ver alguns acadêmicos afirmar que fazem estudos culturais com nenhum conhecimento aparente destes debates é desconcertante. Ambos inimigos e fãs dos estudos culturais usam frequentemente o termo de modos curiosamente descuidados e descontextualizados. O campo torna-se vítima de uma amnésia generalizada, uma indiferença calculada em relação a sua rica e contraditória história³.

Parte do problema, sem dúvida, tem a ver com a simplicidade sedutora e traiçoeira de seu nome. Estudos culturais soam como um sinônimo de estudos da cultura, uma alavanca conveniente para qualquer um com interesses interdisciplinares. Ainda, os estudos culturais são, é claro, somente um modo de se analisar a cultura; existem muitos outros, incluindo a antropologia, os estudos da comunicação, os estudos norte-americanos, a história cultural, o novo historicismo, a sociologia cultural, e outros campos. As linhas entre estas tradições não são, em hipótese alguma, rígidas e rápidas; realmente, algumas se polinizaram mutuamente com os estudos culturais de modos bastante frutíferos. E ainda assim elas têm nomes diferentes e histórias distintas. Um resultado da difusão dos "estudos culturais" é uma crescente ignorância da tradição específica que o termo nomeia. Os acadêmicos se sentem livres para utilizar o termo sem precisar aprender qualquer coisa sobre o campo.

Contra concepções errôneas populares, quero enfatizar que os estudos culturais começaram não como uma crítica da ideologia, mas em vez disso como uma crítica à crítica da ideologia. Levaram os intelectuais de esquerda a criticarem a apressada dispensa instintiva da cultura popular, sua suposição imaginária de que as formas da comunicação de massa eram sempre esteticamente monótonas e

politicamente perniciosas. Do ponto de vista dos estudos culturais, tais atitudes revelavam mais sobre os antolhos profissionais dos intelectuais do que sobre as qualidades intrínsecas da cultura popular. Os estudos culturais, então, não buscavam destruir a estética, mas ampliar a definição do que contava como arte ao levar a cultura popular a sério. Era sempre tanto a respeito da forma quanto do conteúdo, tanto sobre o prazer quanto sobre a ideologia. Os estudos culturais devem tanto à semiótica quanto à obra de Antonio Gramsci e às políticas dos novos movimentos sociais. Em retrospectiva, sua emergência em uma época em que nosso ambiente cotidiano estava se tornando saturado com as imagens cada vez mais sofisticadas da mídia parece inevitável. Os estudos culturais ofereceram um vocabulário para se falar da complexidade da cultura contemporânea. Tornaram uma variedade muito maior de objetos esteticamente interessantes.

A obra de Richard Hoggart e Raymond Williams, frequentemente vistos como os fundadores dos estudos culturais, torna este compromisso muito claro. Nenhum desses dois intelectuais está particularmente interessado em aprisionar e desnudar as obras da literatura. Por exemplo, a obra de Raymond William abarca uma ampla variedade de assuntos, da televisão à tragédia, da cultura da classe trabalhadora galesa às obras mais arcanas do cânone inglês. Um dos primeiros estudiosos a oferecer uma defesa da cultura popular e da vida cotidiana, Williams foi também um leitor escrupuloso das obras literárias argumentando tenazmente contra a redução de tais obras a veículos de ideologia. De fato, como apontaram tanto seus apoiadores como seus críticos, sua visão de cultura é poderosamente influenciada pela herança da estética romântica (ver *Culture: A Reformer's Science* de Bennett e *The Cultural Critics: From Matthew Arnold to Raymond Williams* de Johnson). Semelhantemente, Richard Hoggart argumentou que as técnicas da crítica literária desempenhariam uma parte central no novo campo dos estudos culturais, permitindo aos críticos prestarem atenção às qualidades formais específicas da cultura popular. "A menos que você saiba como estas coisas funcionam como arte, apesar de que como 'arte ruim' algumas vezes, o que você diz sobre elas não vai colar muito"⁶⁶ (citado em Mulhern 2000, p.96).

Nas décadas de 1970 e 1980, houve uma mudança intelectual no centro de

66 Nota da tradutora: procuramos encontrar o mesmo tom utilizado pelo autor citado por isso o uso da linguagem coloquial aqui. Original: "Unless you know how these things work as art, even though sometimes as 'bad art,' what you say about them will not cut very deep" (quoted in Mulhern 2000: 96). (FELSKI, 2004, p.33).

gravidade à medida que os acadêmicos se voltaram em maior número para as teorias estruturalistas e pós-estruturalistas. Uma consequência foi um formalismo crescente nos estudos culturais, uma concentração sobre o significante em vez de sobre o significado. Os estudiosos basearam-se na teoria semiótica para descrever e analisar os padrões e convenções através das quais o significado era produzido. Uma visão orgânica e romântica de cultura deu lugar a uma sensibilidade de vanguarda que enfatizava os momentos de ruptura, contradição, e ambiguidade nos textos populares. As teorias estéticas dos formalistas russos, a arte da vanguarda europeia, e as ideias de Bertolt Brecht todas se alimentaram dentro do projeto dos estudos culturais.

Podemos ver esta mistura de influências muito claramente em *Subculture: The Meaning of Style* de Richard Hebdige, umas das obras clássicas dos estudos culturais. Hebdige apresentou argumentos persuasivos de paralelos entre a estética da vanguarda europeia e o estilo subcultural britânico dos anos 70. Os punks, por exemplo, basearam-se fortemente em técnicas experimentais de colagem, bricolagem, e justaposição surreal. Eles combinaram aleatoriamente objetos de produção de massa – coleiras de cachorro, alfinetes de gancho, sacos de lixo - em uma mímica perversa da cultura de consumo. Sua manipulação de signos era deliberada, autoconsciente, e paródica. Claramente, não era mais possível estabelecer uma linha divisória entre os experimentos subversivos da literatura de vanguarda e os gostos insípidos das massas: os intelectuais não tinham o monopólio sobre a sofisticação formal e a ironia. Assim, Hebdige escreveu com um olhar tanto de um esteticista quanto de sociólogo, fazendo leituras detalhadas dos significados multidimensionais dos estilos subculturais.

No livro de Hebdige, como em muitos trabalhos dos estudos culturais, a forma não é incidental, mas essencial. Confundir um interesse em cultura popular com uma ênfase sociológica sobre o conteúdo é compreender equivocadamente a essência do projeto dos estudos culturais. Em um bem conhecido ensaio, Peter Brooks argumenta pela relevância contínua da poética, definida como o sentido de "não somente o que um texto significa, mas como ele significa" (Levine, 1994, p.161). É precisamente a curiosidade de como as coisas significam que repousa no coração dos estudos culturais. Ao treinar seus olhos sobre obras outrora descartadas como esteticamente indignas, os críticos culturais desafiaram a oposição entre a arte erudita formalmente sofisticada e a cultura de massa baseada

no conteúdo. Atualmente parece óbvio que muitas formas populares, da música *rap* às comédias da TV, dos romances de ficção científica aos filmes sangrentos, se baseiam em uma manipulação sofisticada de convenções estilísticas. Pode alguém assistir um sucesso estrondoso de Hollywood que é orquestrado e publicizado pela natureza espetacular de seus efeitos especiais e ainda acreditar que a cultura popular é primeiramente sobre conteúdo?

É claro, que o pessoal nos estudos culturais também quer falar de política, poder e ideologia. Neste sentido, seus opositores estão certos. Os críticos culturais não acreditam que a arte seja autônoma. Eles veem a arte inserida no mundo em vez de ser transcendente ao mundo. Eles não acreditam que a experiência estética flutua acima das lutas enérgicas e confusas das relações sociais. Mas isto está longe de querer dizer que os estudos culturais não têm interesse em estética. Se por estética compreendemos observar tanto o "como" quanto o "o quê" da construção do símbolo e ponderarmos os prazeres e significados que surgem do "como", então qualquer afirmação dessas está fora de lugar. Existem, de fato, algumas convergências interessantes entre os estudos culturais e a teoria estética contemporânea. Mesmo um olhar apressado para a literatura acadêmica deixa claro que muitos filósofos da arte não têm mais muita fé em um ideal de distanciamento puro e contemplativo. Em vez disso, eles estão caminhando em um movimento que vai, nas palavras de Marcia Eaton, de uma estética kantiana a uma estética contextual. Eaton escreve:

usos 'puros', sem valores ou sem conceitos, de 'beleza' são raros. Certamente, foi um erro para os esteticistas tomar este sentido de beleza como o conceito estético paradigmático _ agir, isto é, como se ao dar uma descrição dele fosse automaticamente dado uma descrição de todas as propriedades estéticas. Muitos, eu apostaria a maioria, dos termos estéticos são 'impuros' - eles refletem, mesmo requerem, crenças e valores: sincero, cheio de suspense, sentimental, raso, sensível, sutil, sexy, sensual, libertino, sórdido, sóbrio, sustentável, habilidoso... e que, é claro, somente arranha a superfície das palavras em -s⁶⁷ ! (2000, p.34)⁴

Certamente, quando tropecei pela primeira vez com os estudos culturais como aluna da graduação, fiquei altamente motivada não porque falava de política _ existem muitas outras abordagens que o faziam _ mas porque traziam um argumento convincente do quão ricas e multifacetadas eram as obras da cultura popular. Forçaram-me a rever algumas das suposições que eu tinha absorvido como

67 Nota da tradutora: No original, os termos 'cheio de suspense', 'raso', 'libertino', 'habilidoso' iniciam com a letra 's', respectivamente, *suspenseful*, *shallow*, *salacious* e *skillful*.

aspirante à aluna de literatura. Frequentemente, meus professores falavam como se eles fossem os únicos guardiães da sensibilidade estética, como se fora dos muros sagrados da academia houvesse somente horror e hediondez. O problema com os departamentos de literatura, eu diria, não é que eles estudam a literatura, mas que eles sempre se veem como tendo o monopólio sobre o que conta como experiência estética.

Há várias razões para esta crença, incluindo a necessidade de justificar o status profissional e a autoridade de alguém ao reivindicar uma forma única de *expertise*. Na verdade, a profissionalização da estética não é necessariamente uma coisa ruim. Mas gera problemas quando os críticos começam a equiparar suas próprias técnicas especializadas de leitura com a estética em si. No auge da Nova Crítica, estudiosos da literatura eram treinados como técnicos da linguagem. Eles cultivavam uma reverência pelas palavras, assiduamente debruçados sobre as obras literárias que eram ricas em ambiguidade, ironia e paradoxo. Apesar de recentes mudanças na profissão, as coisas não mudaram muito. Não nos surpreende o fato de os críticos literários ainda gostarem de obras que recompensam suas próprias proezas profissionais, que são satisfatoriamente indeterminadas, que os permitem escavarem em busca de obscuras alusões a outras obras literárias, que retornam a infinitas releituras.

Ainda, existem, ninguém precisaria dizer, outros aspectos da arte à parte a inovação, a dificuldade, e a pirotecnia verbal. Por exemplo, a literatura foi outrora valorizada por seus enredos de suspense e suas figuras arquetípicas poderosas. Mas, atualmente, ninguém irá longe como mestre em inglês ao se entusiasmar com uma estória excitante. Se olharmos a história da literatura moderna e a crítica profissional, observaremos um desdém fastidioso por um enredo bem feito. Em vez disso, o contar histórias continua a florescer na ala da ficção popular, de onde traz dividendos estupendos para Danielle Steele e Stephen King.

Mais uma vez, enquanto os críticos no passado se entusiasmavam com romances que podiam fazer congelar nosso sangue, arrepiar nossos cabelos, ou nos inspirarem lágrimas copiosas, a profissionalização do estudo literário colocou um fim a tal conversa. Como uma disciplina acadêmica, a crítica literária ensina certas técnicas de interpretação e classifica em alto grau as obras que recompensam tais técnicas. Ensina aos alunos decodificarem as obras de acordo com os parâmetros aceitos e atribuírem um elevado valor para a dificuldade estética. Deixam pouco

espaço para a atenção à emoção, ao excitamento, ao escapismo, e a outros aspectos da reação estética que não podem ser avaliados, graduados, e elencados. De fato, os críticos frequentemente argumentam que tais reações não se qualificam, de modo algum, como estéticas. Graças a ideias modernas sobre a primazia da forma e a ligação entre a arte e outros trabalhos artísticos em vez da ligação da arte com a vida, a arte é geralmente definida como o campo de especialistas. Matei Calinescu é refrescantemente franco sobre este ponto: "a verdadeira experiência estética pode ser rara ao ponto de ser estatisticamente irrelevante" (1987, p.228).

Este, então, é o real desafio colocado pelos estudos culturais. Não sua negação à estética, mas sua causa pelas múltiplas estéticas. Insistem que os professores de inglês e outros mediadores culturais não tenham o monopólio sobre a imaginação, a fantasia, a ludicidade, e o prazer na forma. Lutam por desvelar uma duradoura distinção entre a arte autêntica de poucos e o *kitsch* estúpido das massas. John Frow sublinha este ponto quando fala sobre regimes de valores. "O conceito de regime", ele escreve, "expressa uma das teses fundamentais do trabalho dos estudos culturais; que nenhum objeto, nem texto, nem prática cultural tem um significado ou valor ou função necessário ou intrínseco, valor e função são sempre efeitos de relações sociais específicas (e cambiantes, cambiáveis) e mecanismos de significação" (1995, p.145). Em outras palavras, o próprio apelo ao valor estético pressupõe um quadro de referência que define certas propriedades em vez de outras com valiosas esteticamente. Simon Frith coloca a questão mais sucintamente: "os julgamentos de valor só fazem sentido como parte de um argumento e argumentos são sempre eventos sociais" (1996, p.95). Os estudos culturais nos lembram de que existem outros argumentos, outros valores, outros modos de apreciar e discriminar entre obras, que aqueles que reinam na sala de aula.

É, na verdade, altamente irônico que os estudos culturais sejam hoje acusados de negligenciar a beleza. Não é que os estudos culturais proscrissem a beleza, mas a crítica e a teoria moderna. A beleza, como aponta Alexander Nehemas, é uma das ideias desacreditadas na filosofia contemporânea. A história da estética é a história da ascendência do sublime sobre o belo. A arte moderna foi valorizada por ser desoladora, difícil, angustiada, exigente _ mas certamente não por ser bela. Quando Umberto Eco afirma que o valor intemporal da Beleza é "geralmente somente uma máscara para a face mercenária do Kitsch," ele está falando por muitas gerações de críticos (1989, p.216). Em vez de concordar que a

beleza é a verdade e a verdade beleza, os críticos tipicamente defenderam o oposto. Somente o desolador, o feio, o discordante, poderia fazer justiça às cruéis realidades da vida moderna. Enquanto nossa fome por beleza, pelo harmônico, pelas formas bem proporcionais que agradam aos olhos, é saciada na cultura popular, onde nós podemos banquetear nossos olhos com imagens infinitas de Adônises musculosos e pores de sol espetaculares. Mas isto não é um tipo de beleza a qual os acadêmicos da arte prestam muita atenção.

Em seu recente livro *Sobre a Beleza*, Elaine Scarry também desvia o olhar de tais questões. Ao contrário, sua prosa maliciosamente arcaica convoca um mundo gentil inato, aonde somos todos cercados por *objets d'art* requintados; um encontro casual com uma flor gera um momento rilkeano de plenitude inefável; papoulas madrepérola; as pinturas de Matisse, vasos Gallé; deuses tanto do Oriente quanto do Ocidente; danças; cantos de pássaros; Fedro; Nausicaa; o céu azul; as provas matemáticas. É uma descrição curiosamente rarefeita de beleza; o livro de Scarry interdita a agitação da modernidade, o burburinho do mercado, as vozes das mulheres, as pessoas negras, e outros que falaram sobre arte. É como se Duchamp e Disney, o acampamento e o cyberpunk, o muzak e a MTV nunca tivessem acontecido. O desafio é, certamente, pensar o que a beleza pode significar à luz desta história em vez de empurrá-la para longe da vista.

Nem o "nós" de Scarry considerou alguma vez as diferenças, na verdade, confrontos de gosto. Milhões de norte-americanos são encantados com as pinturas de Kinkade de riachos borbulhantes, clareiras florestais, e cabanas cobertas de heras aninhadas ao crepúsculo; de fato, Kinkade ele próprio tornou-se eloquente em relação à qualidade de sua pintura de vida afirmativa em contraste com a feiura, o niilismo, e a irrelevância da arte moderna⁵. É o prazer inspirado pela obra de Kinkade semelhante ao próprio prazer de Scarry em Matisse? Está a beleza somente no olhar do espectador? Ou estão os 10 milhões de consumidores dos produtos de Kinkade sendo enganados pela falsa harmonia do kitsch, como alguns intelectuais argumentariam? As percepções do que é belo nos unem ou nos separam? Estas parecem ser questões cruciais, mas Scarry nunca nem mesmo tenta respondê-las.

Em contraste, o crítico cultural Simon Frith oferece um engajamento mais substancial com as questões de beleza e prazer. Seu livro *Performing Rites* é uma ampla exploração de música popular, seus diversos estilos e gêneros, suas várias

audiências, e as complexas e inexpressíveis emoções que fazem surgir. Como aponta Frith, a apreciação da música popular é cheia de referências ao valor estético. As pessoas sentem apaixonadamente os talentos de artistas e intérpretes em particular; e eles frequentemente lutam por colocar em palavras o efeito poderoso que a música exerce sobre eles. "Nós todos ouvimos a música que gostamos como algo especial, como algo que desafia o mundano, que nos leva 'para fora de nós mesmos', que nos transporta para outros lugares" (1996, p.275). Transcendência, conclui Frith, é um aspecto crucial da experiência musical, mesmo que seja menos sobre a independência das forças sociais do que uma experiência alternativa delas. Enquanto presta uma atenção meticulosa a como a reação musical é emoldurada por diferentes expectativas e contextos de recepção, Frith inflexivelmente se recusa a ver a experiência estética como um mero espelho da identidade social. Ao contrário, ele enfatiza o poder imaginativo, emocional e sensual da música, seu poder de nos transportar, de criar novos registros de percepção e de sentimentos, de nos fazer ver o mundo de modo diferente.

Deste modo, quando Rorty argumenta que os estudos culturais significam o fim do prazer estético e do entusiasmo romântico, ele está completamente enganado. Porque ele equaciona os estudos culturais com desbancar e desmascarar, ele permanece alheio a seus intensos compromissos emocionais, a sua animação, e a seu longo interesse pelo desejo e pelo prazer. Opondo o utopismo romântico à aridez dos estudos culturais, ele parece ignorar a rica veia do pensamento utópico e a insurreição romântica na escrita sobre a cultura popular. Na verdade, quando os estudiosos reclamam que os estudos culturais são sociologia de rotina ou mais uma ciência social árida, eles estão simplesmente revelando sua ignorância em relação à sociologia. Muitos sociólogos odeiam os estudos culturais muito mais do que muitos professores de língua inglesa, reclamando sobre sua falta de rigor, seu distanciamento da política, e sua excessiva confiança na estética e nas formas textuais da evidência. Quase o mesmo pode ser dito sobre a antropologia, a história, e outros campos adjacentes, que geralmente veem os estudos culturais com uma considerável suspeita. (Ver Morley 1998; Ferguson & Golding, 1997; Nelson & Gaonka, 1996).

Qual é, então, o lar dos estudos culturais? Aonde ele pertence? Quero concluir com estas questões porque muito da controvérsia inspirada pelos estudos culturais tem menos a ver com seu conteúdo intelectual do que com brigas por

território. Não tenho qualquer objeção a professores desconstruindo os vídeos de Madonna, assim os críticos argumentam, desde que eles não o façam em meu departamento. Quando pela primeira vez expus os argumentos deste capítulo em *The Chronicle of Higher Education*, o professor de língua inglesa William Dowling escreveu para apontar precisamente isto. "Tenho muitos colegas", ele observa, "que vieram a detestar o modismo vazio dos estudos culturais." Mas, Dowling graciosamente concede, "Nenhum deles está contra o estudo de tais coisas que Felski quer ver serem estudadas _ a música rap, as comédias de TV, os filmes sangrentos _ nos departamentos acadêmicos apropriados.". Em outras palavras, "As universidades norte-americanas estão estruturadas de tal modo que eles já têm departamentos _ antropologia, sociologia, história, comunicações _ que estudam este tipo de coisa em que ela está interessada" (1999, p.B10).

Na verdade, como acabei de apontar, Dowling está errado. Há um grande desacordo sobre qual deveria ser o lugar institucional para os estudos culturais. Uma razão pela qual se enraizaram nos departamentos de língua inglesa é precisamente porque suas preocupações não são idênticas aos métodos tradicionais da antropologia, da sociologia, os estudos de comunicação e similares. Mas o que quero abordar aqui é a suposição de Dowling de que minha visão dos estudos culturais é também uma defesa do departamento de inglês como seu lar natural. Esta crença está equivocada. Tentei mostrar que o estudo da cultura está infundido com conceitos estéticos, mas disso não decorre que os estudos culturais são o futuro dos estudos literários ou que os estudos culturais e literários deveriam tornar-se um só.

Esta visão está se provando imprópria não só para os estudos literários, como Dowling sugere, mas também para os estudos culturais. Quando estudiosos treinados em análise textual decidem se reinventarem como críticos culturais, os resultados não são sempre tão salutares. Inevitavelmente, os velhos hábitos são duros de matar. Cary Nelson (1999) comenta sobre a lamentável exposição dos estudiosos renomeando e reembalando o *close reading* dos textos como estudos culturais sem se importarem com aprender qualquer coisa das tradições do campo. Assim, a influência dos estudos culturais sobre o inglês acompanha uma diluição marcada de suas características como um projeto intelectual distinto. Uma complexa mistura interdisciplinar de teoria social, antropologia, estudos de mídia, e análise textual está lentamente sendo transformada em um subcampo da literatura inglesa,

geralmente abraçada pelos acadêmicos mais familiarizados com Melville do que com Marx ou *Melrose Place*⁶⁸.

O que define os estudos culturais, além disso, não é só seu objeto de análise, mas seus quadros de referência e seus métodos. Há muito tempo, Raymond Williams argumentou que os estudos culturais não eram sobre "isolar o objeto", mas sobre "descobrir a natureza de uma prática e suas condições" (1980, p.47). O que isso significava é que os estudos culturais viam o significado como dinâmico e interativo, forjado sob condições particulares, móveis e abertas a mudanças. Os prazeres, os problemas, e as políticas dos textos não eram gravados para sempre na forma dos textos eles próprios, mas eram criados e recriados no fluxo social do engajamento e da interpretação. Compreendendo cultura como prática significava um vaivém entre os textos e as instituições, a estética e análise social, a semiótica e o poder. O segundo termo nestes pares é frequentemente prejudicado quando a primeira jurisdição para os estudos culturais torna-se os departamentos de inglês. A crítica literária nos fornece modos sofisticados de ler os textos e os signos, mas é um guia improdutivo para os funcionamentos das estruturas, das instituições e sistemas.

Um obstáculo frequente aqui é a dimensão axiológica da crítica literária, sua forte ligação com o texto exemplar. Os críticos operam com frequência com a suposição de que certas obras, por força de suas propriedades formais, podem nos fornecer insights incomparáveis sobre como as coisas realmente são. Quando esta ideia é traduzida para o registro dos estudos culturais, nos leva a estudar atentamente um texto popular na crença de que um *close reading* de uma metáfora ou técnica de câmera irá revelar os segredos do sistema social ou da ideologia dominante. Uma revista ou um filme torna-se um conduto para o *Zeitgeist*. Por exemplo, não é incomum ver uma leitura de dois ou três filmes ser utilizada como evidência de ansiedades penetrantes (atualmente uma palavra bastante favorecida) em relação a gênero e raça. Ainda, em pelo menos alguns casos, tomar uma

68 Nota da tradutora: **Melrose Place**, de acordo com informações da Wikipedia, "foi uma série de televisão norte-americana produzida e exibida pela Fox Broadcasting Company de 1992 a 1999, por sete temporadas. A série se passa no condomínio Melrose, em Los Angeles, onde as vidas de seus locatários se cruzam em diversas situações envolvendo ambição, sexo, traições e até mesmo assassinatos."

Em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Melrose_Place. Acessado em: 19/04/2014. Texto original: "A complex interdisciplinary blend of social theory, anthropology, media studies, and textual analysis is slowly being turned into a subfield of English literature, often embraced by scholars far more familiar with Melville than Marx or Melrose Place." (FELSKI, 2004, p.38).

amostra diferente pode facilmente resultar em uma conclusão dramaticamente diferente.

Georg Levine elege este ponto ao discutir a relação entre a estética e os estudos culturais. Ele utiliza estudiosos como Stephen Greenblatt e Eve Sedgwick para comprar briga sobre história e cultura a partir de uma fraca amostra de obras literárias (1994, p.5-10). Levine está certo ao apontar os problemas de se tentar utilizar o *close reading* deste modo como uma fonte de evidência confiável sobre os fenômenos sociais. As habilidades textuais não são um substituto para o fundamento histórico e o comando do detalhe empírico. Os críticos literários que discorrem sobre política, sociedade, e economia precisam mais do que um conhecimento superficial de como os estudiosos nas ciências sociais falaram sobre tais questões. Levine está errado, entretanto, ao pensar que ele marca um ponto contra os estudos culturais. O que ele claramente não percebe _ e isto é ainda outro exemplo da amnésia que mencionei _ é que os estudiosos nos estudos culturais têm construídos argumentos semelhantes há muito tempo. Um dos modos pelos quais os estudos culturais distinguem-se da ala politizada dos estudos literários é precisamente ao questionarem a visão de que uma única obra pode ser tratada como uma alegoria das relações sociais.

Deixem-me resumir, então, o que vejo como a distinção dos estudos culturais. Primeiramente, baseiam-se em uma ideia antropológica bem como estética de cultura, buscando compreender uma variedade de imagens, textos, estórias, e práticas simbólicas. Tal abordagem não exclui a análise de literatura e da arte erudita, mas requer, de fato, uma consciência das relações e dos fluxos de intercâmbio entre diferentes esferas culturais. Os estudos culturais também ligam as descrições e práticas de textos às análises de poder. Não acreditam que o fazer e o receber da cultura estão livres de interesses, necessidades e lutas sociais. Mas são cautelosos com as grandes teorias do capitalismo, do patriarcado, ou do imperialismo que desprezam os padrões e as práticas da vida cotidiana a uma arrogante distância. Os estudos culturais, no seu melhor, estão meticulosamente atentos ao local, ao contingente e ao conjuntural: isto é, aos modos pelos quais as relações entre os textos, os interesses políticos, e os grupos sociais são formados, apartados e realinhados ao longo do tempo. Os estudos culturais, em sua definição, envolvem um ato de equilíbrio entre o macro e o micro e entre as afirmações concorrentes da análise social e textual.

O que isto sugere, portanto, é que qualquer tentativa de se fazer estudos culturais requer um conhecimento mais do que superficial de diferentes disciplinas e tradições. Não diz respeito a reduzir a estética e a política a uma teoria geral de textualidade. Ao contrário, os estudos culturais se definem em relação às tensões e às influências concorrentes de diferentes campos do conhecimento. Como Cary Nelson coloca, "se você só conhece intimamente uma disciplina, e você opera com segurança dentro de seus princípios, você não é capaz de fazer estudos culturais" (1996, p.64).

O outro lado desta moeda, entretanto, é que os estudos culturais precisam destas outras disciplinas como fontes intelectuais nas quais se basearem. Esta é uma das razões porque me oponho a qualquer tentativa de subsumir os estudos literários em estudos culturais. Tal intrusão ameaça a integridade de um arquivo de importantes obras enormemente influentes e um corpo de comentários longo sobre aquelas obras bem como sobre os problemas gerais da hermenêutica e da interpretação. Os estudos literários e os estudos culturais são campos relacionados, mas são também campos distintos. Faz tão pouco sentido negar as diferenças entre eles quanto faz pensá-los como inimigos implacáveis presos em uma luta por supremacia.

Tendo criticado duramente alguns críticos literários por sua ignorância sobre os estudos culturais, preciso também reconhecer, com toda justiça, a estupidez de alguns críticos culturais sobre a questão da literatura. Certamente, uma tendência influente dentro dos estudos culturais foi transformar a popularidade em uma nova fonte de valor. O valor de um texto é medido unicamente pelo status de seu eleitorado - pessoas jovens, mulheres, a classe trabalhadora, uma noção vagamente definida de "o povo". Como alguns estudiosos no campo apontaram, tal perspectiva logo resulta em problemas. Há mais de um elemento de má fé em um enlace acrítico do popular. Alguns acadêmicos de esquerda parecem acreditar que tal enlace os absolveria de seu papel como intelectuais implicados nas hierarquias e distinções da vida acadêmica. Na verdade, o oposto é verdadeiro; as visões românticas do povo como "mais real", significando autenticidade, espontaneidade, e corpos sensuais, suados e não alienados, meramente testemunham a vida de ardente fantasia dos intelectuais. Os estudos culturais significam levar a cultura popular a sério e sem condescendência, mas não deveriam levar a uma mudança súbita de valor, de tal modo que estudar o popular torne-se um signo de justiça, enquanto a arte erudita é

colocada do lado do conservadorismo e da reação.

Tal visão se baseia em uma compreensão imperfeita das políticas da literatura tanto quanto de uma superestima de suas influências. É difícil convencer-se de que os valores da literatura canônica esforçam-se para fortalecer o *status quo* político ou de que há mais conexão entre conhecer Milton ou Melville e administrar um país ou uma corporação. A arte erudita tem uma relação complexa e frequentemente dissidente das normas sociais; de fato, a literatura moderna é uma importante fonte da sensibilidade boêmia, antiburguesa e crítica que, ao final das contas, deu origem aos estudos culturais. Além do mais, desacreditar a arte erudita como a cultura da classe governante revela não só uma compreensão deficiente da estética, mas também da política e da sociologia. Nas sociedades contemporâneas ocidentais, as relações entre o poder econômico e político e a posse do capital cultural são dificilmente tão diretas. A arte erudita e a arte popular não funcionam como blocos homogêneos e mutuamente exclusivos que são intimamente ligados a interesses específicos de classe. Como aponta John Frow, “a ‘alta’ e a ‘baixa’ culturas não podem mais... serem nitidamente correlacionadas com a hierarquia das classes sociais.” (1995, p.1).

Assim encontro-me na estranha posição de tomar o partido de ambos, dos velhos conservadores e dos jovens turcos⁶⁹. O casamento forçado dos estudos literários e culturais não é bom para nenhum dos lados; depreciará o estudo da literatura e enfraquecerá a vanguarda dos estudos culturais. Isto não quer dizer que os estudiosos individuais não podem trabalhar produtivamente no limite dos dois campos, mas qualquer tentativa sistemática de fundi-los em uma mega disciplina deveria ser evitada. Aqueles que afirmam que a literatura está extinta, que os estudos culturais deveriam ceder o lugar para os estudos culturais, estão comprometidos com o pior tipo de imperialismo disciplinar. É como se os sociólogos estivessem para invadir os departamentos de psicologia para informarem seus professores que a disciplina deles está agora obsoleta, que a psicologia seria daqui para frente um subcampo da sociologia. Nós realmente queremos endossar tal *ethos* corporativo de fusão e aquisições? Tony Bennett (1998a) certamente está

69 Nota da tradutora: “*Jovens Turcos* (em turco: *Jön Türkler*, do francês *Jeunes Turcs*), de acordo com a Wikipedia, era o nome dado a uma coalizão de diferentes grupos que tinham em comum o desejo de reformar o governo e a administração do Império Otomano.”. (1889) Em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Jovens_Turcos. Acessado em: 19/04/2014. Texto original: “*Thus I find myself in the odd position of siding with both the old fogies and the young Turks.*” (FELSKI, 2004, p.40).

correto quando aponta que, retórica altissonante ao contrário, o papel dos estudos culturais não é nem subsumir nem substituir as disciplinas tradicionais.

Qual é, então, o lugar dos estudos culturais? Os estudos culturais são iguais e diferentes à crítica literária, aos estudos da comunicação, à sociologia, à antropologia, e à história. Ao tornarem-se extremamente associados a qualquer um desses campos, os estudos culturais correm o risco de se tornarem tendenciosos e abandonando sua identidade distinta. Meu próprio entendimento é que os estudos culturais continuam a funcionar melhor como um campo interdisciplinar, aonde os professores e os alunos são forçados a confrontar as afirmações de verdade concorrentes de diferentes disciplinas. Bennett explicita bem quando descreve os estudos culturais como uma agência de compensação que estimula o tráfico intelectual entre vários campos nas humanidades e ciências sociais. É dessas alianças e disputas sobre o status e os significados da cultura que os melhores trabalhos de estudos culturais emergem.

É claro, como um empreendimento interdisciplinar, o destino permanente dos estudos culturais é ser criticado pelos historiadores por não serem suficientemente históricos, pelos sociólogos por não serem suficientemente sociológicos, e pelos críticos literários por não serem suficientemente interessados na literatura. Além disso, as pessoas nos estudos culturais discordam apaixonadamente sobre seus objetivos e métodos, sobre os méritos do textual versus a análise social, e sobre os significados e o mérito da cultura popular. Ainda, enquanto os estudos culturais podem significar muitas coisas diferentes, há limites para o que podem significar. Estudos culturais tornou-se um termo de abuso e um termo muito abusado nas guerras da cultura norte-americana. Tentei mostrar que os estudos culturais não são nem bestiais nem insensíveis ao estilo e à forma como seus detratores frequentemente compreendem. Se pudermos chegar a um uso mais cuidadoso e circunspecto do termo "estudos culturais", _ e uma prática mais cuidadosa e circunspecta dos estudos culturais _ então, eu, por exemplo, viverei feliz para sempre⁶.

NOTAS

Este capítulo baseia-se em material primeiramente publicado em um breve artigo em *The Chronicle of Higher Education*, intitulado (não por mim) "Os acadêmicos que desprezam os estudos culturais não sabem do que estão falando", de 23 de julho de

1999.

1. Para uma breve história do pânico moral norte-americano sobre os estudos culturais e uma discussão interessante dos estudos culturais “o problema das relações públicas”, ver Rodman, 1997.
2. Para uma avaliação desta consideração como ela se aplica às abordagens feministas da literatura, ver de Felski *Literature After Feminism* (2003a).
3. Uma análise pertinente deste fenômeno pode ser encontrada em "*Always Already Cultural Studies: Two Academic Conferences and a Manifesto*" de Cary Nelson (1997).
4. Um volume tal como *A Companion to Aesthetics*, editado por David Cooper (1992), dá um claro sentido do registro cambiante de muita da teoria estética. Um bom exemplo da convergência entre a estética e os estudos culturais é, é claro, o importante *Pragmatist Aesthetic* de Richard Shusterman (1992).
5. Ver, por exemplo, Orlean, "Art for Everybody" (2001).
6. Quero sublinhar que este capítulo teve a intenção de esclarecer o significado do termo "estudos culturais". (Para outra tentativa, ver '*Modernist Studies and Cultural Studies*,' 2003b). Enquanto tenho muita simpatia pelo projeto dos estudos culturais, minha questão não é defender a superioridade dos estudos culturais vis-à-vis outros métodos críticos, mas encorajar um reconhecimento mais lúcido de suas diferenças.

REFERÊNCIAS

BENNETT, Tony. "Cultural Studies: A Reluctant Discipline." **Cultural Studies** 12(4): 528–45, 1998a.

_____. **Culture: A Reformer's Science**. London: Sage, 1998b.

BLOOM, Harold. **The Western Canon: The Books and School of the Ages**. New York: Riverhead, 1994.

BRAND, Peggy, ed. **Beauty Matters**. Bloomington: Indiana University Press, 2000.

BROOKS, Peter. "Aesthetics and Ideology – What Happened to Poetics?" In **Levine** 1994: 153–67, 1994.

CALINESCU, Matei. **Five Faces of Modernity: Modernism Avant-Garde Decadence Kitsch Postmodernism**. Durham, NC: Duke University Press, 1987.

CLARK, Michael, ed. **The Revenge of the Aesthetic: The Place of Literature in Theory Today**. Berkeley: University of California Press, 2000.

COOPER, David, ed. **A Companion to Aesthetics**. Oxford: Blackwell, 1992.

- DONOGHUE, Denis. **Speaking of Beauty**. New Haven: Yale University Press, 2003.
- DOWLING, William C. "Cultural Studies versus Literary Studies." (Letter to the Editor.) **The Chronicle of Higher Education**, Sept. 17, 1999: B10.
- EATON, Marcia. "Kantian and Contextual Beauty." In **Brand 2000**: 27–36, 2000.
- ECO, Umberto. 1989. **The Open Work**. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1989.
- ELLIS, John. **Literature Lost: Social Agendas and the Corruption of the Humanities**. New Haven: Yale University Press, 1997.
- FELSKI, Rita. **Literature After Feminism**. Chicago: University of Chicago Press, 2003a.
- _____. "Modernist Studies and Cultural Studies." **Modernism/Modernity**10(3): 501–17, 2003b.
- FERGUSON, Marjorie and Peter Golding, eds. **Cultural Studies in Question**. London: Sage, 1997.
- FRITH, Simon. **Performing Rites: Evaluating Popular Music**. New York: Oxford University Press, 1996.
- FROW, John. **Cultural Studies and Cultural Value**. Oxford: Oxford University Press, 1995.
- HEBDIGE, Richard. **Subculture: The Meaning of Style**. London: Methuen, 1979.
- HELLER, Scott. "Wearying of Cultural Studies, Some Scholars Rediscover Beauty." **The Chronicle of Higher Education**, Dec. 4, 1998: A15–16, 1998.
- JOHNSON, Lesley. **The Cultural Critics: From Mathew Arnold to Raymond Williams**. London: Routledge, 1979.
- JOHNSON, Richard. "What is Cultural Studies Anyway?" **SocialText**16:36–80, 1986–7.
- KERNAN, Alvin. **The Death of Literature**. New Haven: Yale University Press, 1990.
- LEVINE, George, ed. **Aesthetics and Ideology**. New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1994.
- MORLEY, David. "So-called Cultural Studies: Dead Ends and Reinvented Wheels." **Cultural Studies** 12(4): 476–97, 1998.
- MULHERN, Francis. **Culture/Metaculture**. London: Routledge, 2000.
- NELSON, Cary. "Literature as Cultural Studies." In **Nelson & Gaonkar** 1996:63–102,

1996.

_____. "Always Already Cultural Studies: Two Academic Conferences and a Manifesto." In **Manifesto of a Tenured Radical**. New York: New York University Press, 1997.

_____. "The Linguisticity of Cultural Studies: Rhetoric, Close Reading and Contextualization." In **Rosteck 1999**: 211–25, 1999.

_____ and Dilip Parameshwar Gaonkar, eds. **Disciplinary and Dissent in Cultural Studies**. New York: Routledge, 1996.

ORLEAN, Susan. "Art for Everybody." **The New Yorker**, Oct. 15: 124–30, 2001.

PERLOFF, Marjorie. "In Defense of Poetry: Put the Literature Back into Literary Studies." **Boston Review** 24(6) (Dec. 1999–Jan. 2000): 22–6, 2000.

RODMAN, Gilbert R. "Subject to Debate: (Mis)Reading Cultural Studies." **Journal of Communication Inquiry** 21(2): 56–69, 1997.

RORTY, Richard. "The Inspirational Value of Great Works of Literature." In **Achieving Our Country: Leftist Thought in Twentieth-Century America**. Cambridge, MA: Harvard University Press, pp. 125–40, 1998.

ROSTECK, Thomas, ed. **At the Intersection: Cultural Studies and Rhetorical Studies**. New York: Guilford, 1999.

SCARRY, Elaine. **On Beauty and Being Just**. Princeton: Princeton University Press, 1999.

SHUSTERMAN, Richard. **Pragmatist Aesthetics: Living Beauty, Rethinking Art**. Oxford: Blackwell, 1992.

SODERHOLM, James, ed. **Beauty and the Critic: Aesthetics in an Age of Cultural Studies**. Tuscaloosa: University of Alabama Press, 1997.

STEINER, Wendy. **Venus in Exile: The Rejection of Beauty in Twentieth-Century Art**. New York: Free Press, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **Problems in Materialism and Culture**. London: Verso, 1980.